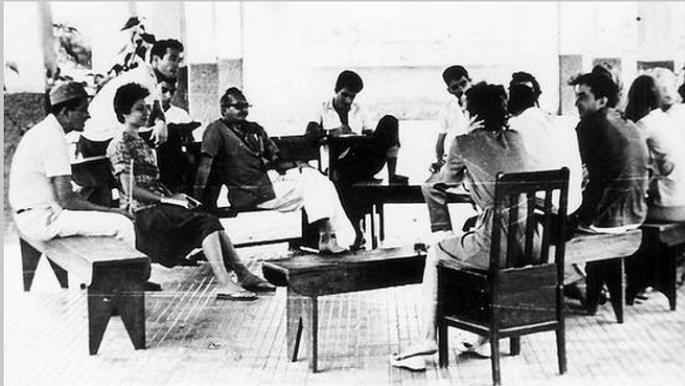




ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura



Círculo de Cultura com a presença de Paulo Freire.

Fonte: <http://angicos50anos.paulofreire.org/en/>. Acesso em: 17 maio 2021.

Conto

Texto recebido em: 2 set. 2021. Aprovado em: 1 out. 2021.

MELO NETO, Luiz Eurico de; SILVA JUNIOR, Edelson de Albuquerque. José Inocente e o educador sem cartilha. *Estudos Universitários*: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 2, p. 411-424, jul./dez., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.251641

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

José Inocente e o educador sem cartilha

Luiz Eurico de Melo Neto

AMA – Articulação dos Moradores e Amigos do Arruado do Engenho Velho

Poeta, escritor e compositor

E-mail: luizeurico@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-0852-033X>

Edelson de Albuquerque Silva Junior

Secretaria de Educação de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco; Secretaria de Educação do Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco; Núcleo de Educação Integral e Ações Afirmativas - NEAfi/UFPE; AMA – Articulação dos Moradores e Amigos do Arruado do Engenho Velho

Doutor em Educação

Doutor em Educação

E-mail: edelsonjrpe@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2912-2461>

À professora Letícia Rameh Barbosa

Na metade do século XX, alguns bairros, a noroeste do Recife, vinham de muitos anos de expansão demográfica, primeiro, devido ao secular êxodo rural, depois, com o advento da Cidade Nova, dentro do ideário da ditadura Vargas, aconteceria a derrubada dos mocambos e palafitas das ilhotas que margeavam os manguezais.

Desde 1940, os morros, córregos e margens da Mata Atlântica foram sendo ocupados, numa espécie de diáspora da miséria, vinda de Santo Amaro das Salinas, do Coque, da Ilha do Leite e de outros logradouros ribeirinhos, forçada pela política da Liga Social Contra o Mocambo. É dessa mesma época a lendária fala de um interventor federal getulista, respondendo aos reclamos dos despejados: “Quem não puder viver, morra! E vão morar de Macacos pra lá!”.

Macacos era uma pequena parada do trem Recife-Limoeiro, cujo prédio ainda resiste dentro da matinha do bairro da Guabiraba.

Nesse cenário, o diálogo abaixo possivelmente aconteceu em certa rua suburbana, num fim de tarde:

- Ô de casa!
- Ô de fora!
- Boa tarde! Dona Olegarinha está?

Uma voz responde, do postigo entreaberto:

- Sim, sou eu mesma. Boa tarde! O que deseja, senhor?
- Meu nome é José. Tô procurando um professor que ensina leitura *pros* adultos.
- Ah, sim. Mas ele está ensinando lá no Sítio da Trindade. O senhor conhece a sementeira da Prefeitura?
- Conheço bem não. Eu morava num mocambo, lá na Cabanga, e vim *pra* cá faz pouco tempo. Me disseram que estão ensinando a *lê*.
- O senhor trabalha?
- Eu era catador de marisco, ali na rua da Jangada. Agora, sou *burro-sem-rabo*. Sabe o que é, né? Puxo *carroça pro mode* dar de *comê pros* meus filhos. Lá na maré tinha muita fartura. Era o caranguejo, o sururu e aqui no morro é tudo diferente. Se não *fosse* as fruteiras da boca da mata... a gente morria de fome. Mas, me diga, dona, será que o professor me aceita?
- Oxente! E então! Basta ser curioso e ter boa vontade de aprender. Lá o senhor ganha cartilha, caderno e lápis. Tem até um professor que está inventando um jeito de aprender a ler sem cartilha. Procure por Dona Anita ou Dona Laura.

- Sem cartilha? Oxente! E pode?
- O professor é muito inteligente e acredito que ele vai conseguir. Mas, vá até lá. Dê seu nome e entre para a alfabetização de adultos.
- Obrigado. *Inté!*

No Sítio da Trindade surgia uma Pedagogia autêntica, que dialogava com uma sociedade em transformação. Artistas, poetas, educadores e educadoras lançavam as sementes dos Círculos de Cultura, a mais saborosa fruta daquele sítio secular, onde um dia existiu o Arraial Velho do Bom Jesus. Ali se alimentariam de um saber genuíno todas as famílias pobres da região. Logo essa movimentação da cultura popular se espalharia por todos os bairros adjacentes: Macaxeira, Guabiraba, Dois Irmãos, Caxangá e Várzea.

- Seu nome? – perguntou a professora ao novo alfabetizando.
- José Inocente da Silva.
- Não seria Inocência, senhor José?

José era analfabeto da escrita, mas muito despachado e esperto:

- É Inocente, *mermu*, professora! Foi erro do cartório. Meu pai também era analfabeto de pai e mãe, feito eu, e disse meu nome errado. Mas, me chame apenas de José ou Zé. É o que eu sou, professora: um *zé-ninguém!*

– Seu José, não diga isso! Somos todos seres humanos, imperfeitos, mas merecemos a oportunidade de aprender e de melhorar na vida! Venha, vamos para a roda. Já está começando o Círculo de Cultura desta noite.

A roda foi muito proveitosa para todos e todas. Mas, Seu Zé saiu um pouco frustrado, pois o tal professor sem cartilha não estava presente. Assim mesmo foi bom. As professoras distribuíram uma cartilha, em que ele logo aprendeu duas palavras: POVO e VOTO. Logo ele, que nunca tinha votado, por não saber ler, soletrava agora a palavra voto. Achou muito interessante.

Mas não iria descansar enquanto não conhecesse a leitura sem cartilha.

O nome do professor sem cartilha era Paulo. E ele era muito ocupado.

Perguntou antes de ir embora e alguém lhe disse que o Seu Paulo devia estar nas reuniões do Movimento de Cultura Popular e do Serviço de Extensão Cultural. Era mesmo muito ocupado.

– “Círculo de Cultura”, “Movimento de Cultura”, tudo era cultura...
– pensou, saindo dali encafifado, o José Inocente.

A vida foi seguindo. E Seu José logo redescobriria o rio. Era o mesmo rio de lá, da bacia do Pina. Porém, menos salgado, com peixes diferentes e sem mariscos. Certo dia, uns vizinhos o convidaram para pescar na ponte da Caxangá. Foi uma maravilha. Muito camurim, peixe bom de água-doce. José, acostumado com a margem do rio, tratou logo de ver se podia erguer um mocambo

por ali. Ergueu um casebre com retraços de madeira e trouxe a mulher e os *bruguelos*. Móveis, quase não tinha. Mas, ali, na beira do rio, teria o que comer.

Foi assim que ele veio de mala e cuia para a Várzea do Capibaribe, morar num lugar chamado Sete Mocambos.

Interessante! Derrubaram o seu mocambo na cidade e ele viera erguer novo mocambo, ali, tão distante. E perto do rio Capibaribe.

Disseram que dava cheia. Com cheia, ele já estava muito acostumado. A única tristeza era deixar a alfabetização. Já estava quase aprendendo a assinar seu nome...

Dias depois bateram na sua porta. Eram umas moças da Associação dos Amigos da Várzea, passando de casa em casa. Umas moças simpáticas, que entravam nos casebres e mocambos com um sorriso espontâneo e conquistavam as pessoas com aquele jeito simples. Faziam várias perguntas sobre as palavras que as pessoas mais usavam. Eram as normalistas do Instituto de Educação de Pernambuco. Elas queriam ajudar a erradicar o analfabetismo na periferia da cidade. E, por isso, se fizeram voluntárias do Movimento de Cultura Popular. Foi assim que José conheceu a praça de cultura da Várzea, uma das cinco erguidas pelo Movimento.

– “Cultura” novamente... – pensava o José, inocente, mas curioso.

Na primeira reunião na praça da Várzea, ele escutou uma pessoa falar que “primeiro se deve aprender a ler o mundo”.

– Oxente! – pensava – Eu já sei ler o mundo. – e sorria por dentro.

Lá na rua da Jangada, ele sabia quando a maré ia ser alta, aquela das ressacas. Sabia os tipos de peixe, sabia onde se escondiam os melhores mariscos. Conhecia as fases da lua. É bem verdade que na Várzea havia umas novidades. Não sabia bem se a macaxeira estava no ponto de arrancar, nem a estação da manga, ou da jaca. Tinha um senhor lá no Arruado do Engenho Velho que sabia disso tudo. Esse era outro mundo, que ele iria aprender a ler também. Cada mundo com suas palavras.

– Lê primeiro a tal de palavra-mundo, depois, a palavra-escrita? Oxente! E, entre o mundo e a escrita, tem a fala, o som, a palavra falada... – pensava José, se gabando por dentro por ser inteligente...

Vinham muitos artistas e professores para as rodas de conversa na praça da Várzea. Até o filho dos Brennand, o Francisco, dono de quase todas as terras dali, vinha também. Só não vinha o professor Paulo. Ou, quando ele vinha, José faltava. Esse desencontro o deixava desapontado. Queria conhecer essa tal de “aula sem cartilha”.

De dia, estudavam seus filhos. À noite, vinham ele e a esposa, dona Maria. De repente, toda a família do José Inocente estudava junta no coreto da praça. José se lembrava dos conselhos de dona Olegarina, no Poço da Panela: “curiosidade e boa vontade”. Isso ele tinha e muito! Por isso, não ficou apenas na alfabetização. Queria saber de tudo o que o Movimento lhe oferecia: artesanato, cerâmica, música (gostava de tocar pandeiro). Tudo o que os cursos de formação de cultura popular ofertavam, Seu José queria aprender. Estudou culinária e sua esposa, corte e costura.

Zé Inocente foi ficando sabido. E aprendendo o que era mais importante nos cursos. Sempre ouvia dos professores que a realidade não está aí parada e pronta. Que a gente tinha de “problematizar” – palavrinha que enrolava a sua língua. Problematizar ele aprendeu logo. Ele sempre levantava a mão nos Círculos de Cultura e suas perguntas faziam sucesso.

– Por que esse rio sempre dá cheia e leva as casas dos pobres? *Num* tem como dar jeito? – perguntava.

Seu vizinho e xará, Zé Vieira, contava que quem morava na beira do rio tinha mesmo de tomar muito cuidado com as enchentes. E ele até já sabia ler e escrever a palavra “cheia”. Então, já podia problematizar.

– Por que cheias? – perguntava.

José estava deixando de ser inocente. Começava a pensar que a pobreza tinha jeito. Que eles, os ricos, exploravam os trabalhadores. E que a riqueza bem que poderia ser repartida, como nos tempos de Cristo.

Já lia trechos do *Livro de Leitura para Adultos*.

Só não coincidia de encontrar aquele professor das aulas sem cartilha. *Eita, home difícil!* Mas, como tudo tem seu tempo, chegou o dia mais feliz de sua vida. Ele veio, Seu Paulo, ele próprio, para um Círculo de Cultura. E veio justamente para falar sobre alfabetização. José ficou encantado com a fala mansa daquele professor:

– Vocês estão sendo alfabetizados para a vida... – dizia o professor Paulo – Não estamos lhes ensinando a ler para poderem votar, não é nada disso... Agora, claro que, lendo, vocês terão o direito de votar porque serão cidadãos brasileiros aptos a escolher seus representantes...

José, ainda cansado, com as pernas acinzentadas da pescaria da tarde, sentava bem na frente, porque iria ter filme na televisão do coreto. E olhava, com verdadeira veneração, aquele professor de olhos castanhos.

– É esse o *home*! – pensava. – Vou *perguntá* pela aula sem cartilha.

Mas, no fim do filme, houve aquele debate, ficou tarde e, naquele tempo, a rua de acesso a Sete Mocambos era escura. Saiu sem falar com o professor. Se soubesse o que iria acontecer... teria falado.

Curioso que só, perguntou às normalistas sobre aquela aula sem cartilha, como acontecia. Elas disseram que a cartilha iria surgir daquelas palavras que o povo falava no dia a dia e que elas anotavam nas visitas às casas. E o melhor de tudo é que a cartilha seria escrita pelos próprios alfabetizando e alfabetizadas. José ficou muito contente.

Mas, tempos depois, a ditadura levou muita gente presa. Pendeu até o Governador Arraes. O povo foi aconselhado a queimar os livros e cartilhas de educação de adultos. Sabe-se lá o que deu naquela gente! Zé Inocente jogou os seus cadernos nas águas do Capibaribe...Viu se desfazendo no rio as palavras que lia.

Entre os presos, estava o Seu Paulo. Que tristeza danada!

– Que gente covarde! *Prendê* um *home* bom daquele. Ensinava a gente a *lê* e a *pensá*... Se bem que eu já pensava que só, desde os tempos da maré... Faltava *sabê* como *pensá*. E foi ali que aprendi, em primeira mão, a *lê* VIDA, SAÚDE e PÃO. – pensava consigo Zé Inocente.

Depois daquela noite no coreto da praça da Várzea, nunca mais iria ver o professor, nem poderia lhe perguntar pelas aulas sem cartilha. Ele foi mandado para outro país.

– Ele, sim, deveria se *chamá* Inocente, porque *num* fez nada de errado. Que mal fez *pra* ser preso? Nenhum! Eita, que aprendi a *lê* um mundo maluco... – pensava José – O errado é o certo e o certo é o errado.

Após quinze anos distante, Seu Paulo retornou. Corria o ano de 1979, quando veio a Anistia, uma espécie de permissão para que os exilados voltassem ao país onde nasceram. Seu Paulo veio rever as praças de cultura, criadas pelo Movimento de Cultura Popular. Infelizmente, já não existiam os *Livros de Leitura para Adultos*, e a alfabetização/conscientização sem cartilha foi, de certa forma, desfigurada pela ditadura no país e substituída pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

As palavras *geradoras*, oriundas do povo e usadas pelos habitantes de cada região ou lugar, deram vez às novas palavras *geradas* e escolhidas de “cima pra baixo”, como se diz, e uniformizadas em cartilhas por todo o território nacional. O povo não gostou disso.

E a palavra *Mobral* entrou no dicionário significando pessoas analfabetas ou, pior, desprovidas de inteligência, gerando um grande preconceito contra os alfabetizandos.

– Foi naquele ano que consegui reencontrar Seu Paulo. Foi a primeira vez que tinha visto ele de pertinho, ali, na minha frente, poucos metros, deu até para cumprimentar. Seu Paulo, já beirando os sessenta anos, como eu, agora com aquela barba branca e comprida e aquele mesmo jeito de falar que me fazia acompanhar atentamente cada palavra. Quando ele chegou na praça de cultura da Várzea, era uma terça-feira, no final da manhã. Lembro bem, pois esse também era o dia e hora em que Maria e eu *descia as barranca* do rio, *pra* ver o que dava para catar entre os dedos. Quando Seu Paulo chegou na praça, uma multidão se ajuntou. Foi gente saindo de tudo que era beco, muita criança, gente adulta e idosa *pra* conhecer o homem que tinha iniciado os trabalhos por ali, há mais de quinze anos. A Sete Mocambos foi todinha pra lá. Até do Arruado do Engenho Velho veio gente. Seu Paulo falava sobre as pessoas daqui e sobre as pessoas de outros países vizinhos – e até do outro lado do mar! Um enorme círculo foi se fazendo para conversar com ele. No momento em que também comecei a falar, ele disse:

– Lembro de você nos círculos de cultura. Norma me falou sobre sua curiosidade e boa vontade.

– Sou o José, Seu Paulo.

– Isso! José! Mas esse nosso José teria algum sobrenome?

– No início, eu era o José Inocente, Seu Paulo. Inocente, como o senhor deve saber, foi devido ao cartório.

– No início do Círculo de Cultura, José?

- Sim! No início, quando me matriculei.
- E neste momento, como se chama?
- Sou o José Valente! Meu sobrenome agora é outro.
- “Valente” de que tipo de valentia?
- Valente, no momento que me vejo como gente e vejo que as outras pessoas também me chamam assim, de guerreiro.
- Pois bem, José. De Inocente para Valente há uma diferença enorme. Você sabe disso! De Inocente para Valente há uma distância tão grande quanto a que tive que ficar de vocês durante esses anos. Um longo e profundo intervalo.
- Muita coisa triste aconteceu por aqui. Perdemos há dez anos o jovem padre Henrique, secretário de Dom Hélder. Mas agora Seu Paulo está de volta no nosso meio, como estava há quinze anos atrás. E é a mesma pessoa, do mesmo jeito que a gente comentava nos Círculos de Cultura: humilde, popular, amoroso.
- Temos ainda muito o que aprender junto dessa gente, José. Com o nosso povo. Essa gente valente feito você, mas que é tratada pelo poder como inocente. Tratada como se não devesse conquistar o direito de decidir nos espaços públicos.

E José asseverou:

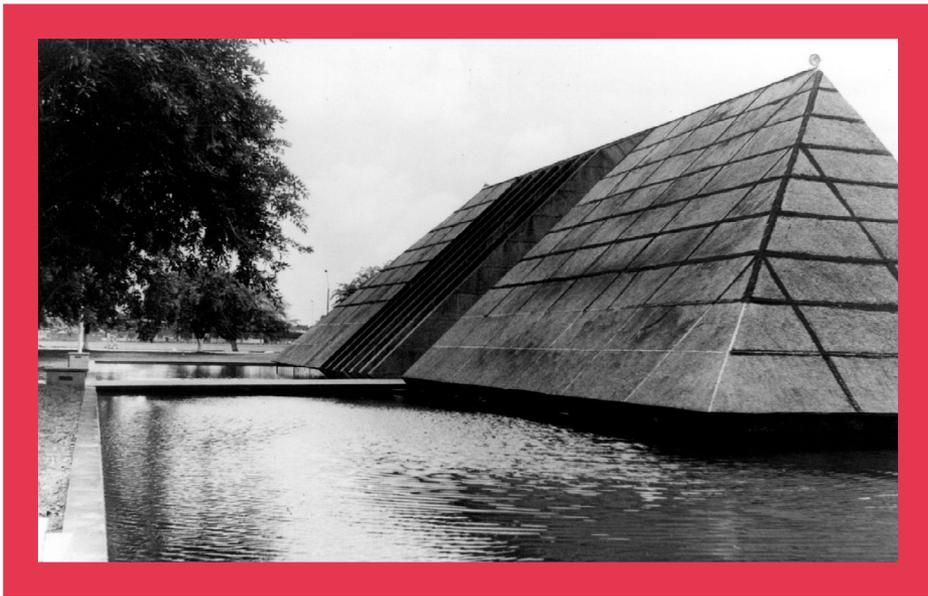
- Essa praça sempre foi e está sendo um lugar de luta. Fico contente com a decisão que tomei há mais de vinte anos, quando decidi estudar e fui recebido de braços abertos. E hoje, estou frente a frente com o senhor, o educador sem cartilha. Esperei, esperei muito... e o momento chegou. Envelheci, mas ainda tenho a mesma curiosidade e a boa vontade *pra* aprender. Sou muito agradecido ao

Movimento de Cultura Popular, mas, principalmente, ao senhor, mestre Paulo!

Abraçaram-se e o povo da roda aplaudiu aquele reencontro.

Referência

BARBOSA, Letícia Rameh. *Movimento de cultura popular: impactos na sociedade pernambucana*. Recife: Bagaço, 2009.



Prédio da Superintendência de Tecnologia da Informação.
Assessoria de Comunicação Social da UFPE.